

PRODUÇÕES CERÂMICAS MANUAIS DO PERÍODO MODERNO

UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO

FILIPE SANTOS OLIVEIRA Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH/UNL-UAç,
filipe.alexandre.oliveira@outlook.com

SÓNIA VASCONCELOS BROCHADO Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH/UNL-UAç,
soniaavbrochado@gmail.com

RESUMO O presente trabalho incide numa produção cerâmica do período Moderno em particular, cuja visibilidade no registo arqueológico se apresenta crescente, apesar de ainda pouco referida.

Através de um repertório formal limitado e um cunho fortemente distinto conferido pelas pastas mal depuradas e superfícies brunidas, estas peças facilmente se individualizam do universo material mais vasto que necessariamente integram.

Procurar-se-á assim caracterizar este fabrico, uma produção aparentemente local que contudo segue técnicas e gostos exógenos à sociedade portuguesa Moderna, e também, com o apoio em dados estratigráficos sólidos, definir a sua cronologia, aventando ainda possíveis explicações para o significado da sua presença em contextos lisboetas setecentistas e sublinhando o interesse metodológico para o seu estudo.

PALAVRAS CHAVE Século XVIII, cerâmica manual, produções exógenas

ABSTRACT The present work focuses on a particular ceramic production from the Modern period, whose visibility on the archaeological records has been growing, although mentioned seldom.

Because of its limited formal repertoire and a strong distinctive nature conferred by coarser fabrics and burnished surfaces, these pieces are easily identifiable from the broader material universe that they necessarily integrate.

We will thus characterize this manufacture, a seemingly local production which, however, follows techniques and tastes exogenous to the Portuguese Modern society, and also, with support on solid stratigraphic data, set its timeline, with possible explanations for the meaning of its presence in eighteenth century Lisbon contexts and stressing the methodological interest to its study.

KEYWORDS 18th century, manual ceramics, exogenous productions

OS CONJUNTOS CERÂMICOS

– CARACTERIZAÇÃO

O objecto do presente estudo corresponde a uma produção cerâmica, executada manualmente e sem recurso a torno, com um repertório formal composto por peças de cozinha de perfil aberto e fechado.

Aquando da sua produção foram utilizadas pastas de tonalidades castanhas/avermelhadas, submetidas a reduzidas práticas de depuração, observando-se no seu cerne uma grande quantidade de E.N.P.'s, nomeadamente grandes acumulações de elementos micáceos e quartozos (figura 1). As superfícies apresentam um tratamento por brunimento (figura 2), possivelmente com recurso a um seixo de rio, o qual lhes atribui um característico lustro de tonalidade avermelhada ou castanha-avermelhada, apenas ausente na base ou fundo destas peças. Por fim, estes vasos parecem ter sido submetidos a um processo de cozedura de cariz



1. Pormenor de fractura em peça manual, mostrando pasta.
© Filipe Oliveira

oxidante com arrefecimento redutor, apresentando-se no cerne dos seus bojos uma coloração escura, entre o castanho-escuro e o preto.

O universo tipológico desta produção demonstra um claro ênfase nas peças de cozinha, nomeadamente duas formas básicas, as panelas e as frigideiras, embora se observem algumas variações nas proporções destes vasos devido ao cariz manual do seu método de execução (figura 4-A).

A forma mais comumente identificada é a de panelas, surgindo em dois tipos. O primeiro – tipo 1 – (figura 3-A), apenas identificado nos trabalhos de Guilherme Cardoso (2009), apresenta bordo introvertido de perfil semi-circular que se desenvolve directamente em corpo de perfil globular, algo achatado, do qual se desenvolvem duas pegas opostas de perfil semi-circular. O fundo mostra-se algo aplanado. Um segundo tipo de panela – tipo 2 – (figura 3-B) mostra bordo simples ou algo biselado, encimando colo curto que se desenvolve em corpo, de parede espessas, com forma bojuda ou algo ovóide, terminando em fundos convexos e base mais ou menos aplanada. No arranque do colo mostram duas asas de rolo, opostas, de perfil semi-circular. Outra forma de cozinha observada nesta produção são as frigideiras (figura 3-C), mostrando forma semi-hemisférica algo achatada com bordo simples de perfil arredondado e marcado por duas pegas opostas de perfil sub-triangular, assentando estas peças sobre fundos convexos de base aplanada.

Recentemente foram identificados dois exemplares de asas de rolo (figura 4-B), similares às observadas nas panelas de tipo 2, mas cujas dimensões indicam pertencerem a grandes recipientes. Infelizmente, a ausência do restante corpo das peças dificulta averiguar se pertence simplesmente a exemplares de panelas de grandes proporções ou a uma forma previamente não identificada.

Nos vários exemplares identificados no decorrer deste trabalho, e mediante uma análise macroscópica dos seus fragmentos, foi possível identificar marcas de uso

como esboçamento dos bordos, múltiplas abrasões na sua superfície, e ainda marcas de uso ao fogo que as panelas e frigideiras exibem nos seus fundos, comprovando que foram alvo de um uso quotidiano contínuo, não funcionando como peças de uso meramente decorativo.

O ESTADO DA QUESTÃO

A primeira menção a este tipo de produções cerâmicas na bibliografia portuguesa encontra-se em *Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval)*, um trabalho de Guilherme Cardoso (2009, p. 43-82) onde é apresentado o estudo do espólio proveniente das suas escavações na área de Montejunto. De entre a cultura material tipicamente moderna, destaca um conjunto de vasos aos quais atribui um carácter forâneo, embora sem aprofundar particularmente o tema.

Num segundo artigo, Guilherme Cardoso e Luís Barros (2008) dedicam-se exclusivamente a este tipo de produções, somando ao conjunto já apresentado outros exemplares provenientes de diversos contextos em Almada, Cadaval e Cascais. Produzindo uma primeira organização tipológica e apresentando uma análise macroscópica das suas pastas e tratamentos de superfície, mais uma vez os autores defendem uma origem externa para os oleiros, propondo que o/os centros produtores se situariam na cidade de Lisboa, ou arredores (Barros e Cardoso, 2008, p. 360).

Um dos autores do presente artigo, no decorrer da sua dissertação de mestrado (Oliveira, 2012), e incidindo no universo mais amplo de um contexto habitacional moderno lisboeta, identificou e descreveu alguns recipientes pertencentes a este tipo de produção, ali exumados de contextos datados da segunda metade do século XVIII.

Recentemente Sara Simões (2015) dedicou também alguma atenção a este tipo de produções, procurando desenvolver o tema da sua inserção geocultural e problemáticas inerentes à sua presença em contextos portugueses de finais da Idade Moderna, nomeadamente a sua conotação com comunidades africanas, escravas ou libertas.

Como foi possível observar, estes acervos têm sido alvo de reduzida atenção, pelo que procuraremos, contribuir com novos dados para esta questão.

DISPERSÃO GEOGRÁFICA E CRONOLÓGICA

A relativa obscuridade a que esta produção foi relegada, devido talvez à sua aparência simples e baixa representatividade no universo cerâmico de período moderno, resultou num vazio de informação junto dos conjuntos já estudados, que tivemos de ultrapassar para a execução deste estudo.

Assim, precedendo a execução deste artigo, foi realizado um inquérito a contextos publicados e aos acervos presentes em depósitos da Câmara de Lisboa com vista a identificar sítios nesta cidade que tivessem oferecido exemplares deste espólio. No geral, os resulta-



2. Exemplares que atestam diferentes tratamentos de superfície.
© Filipe Oliveira

dos destes contextos encontram-se todos publicados, não se procurando neste artigo tanto o tecer de novas considerações sobre os respectivos sítios, mas apenas o assegurar de uma correcta caracterização das realidades donde estes recipientes foram recuperados.

Tomando a cidade de Lisboa como principal enfoque deste estudo, por se apresentar como o maior pólo económico e populacional em Portugal continental durante os séculos do estudo em questão, foi possível identificar exemplares espalhados um pouco por toda a malha urbana (figura 5). As intervenções desenvolvidas por Irisalva Moita no Hospital Real de Todos os Santos (1) durante a década de 60 (Moita, 1964-66) permitiram identificar alguns fragmentos de painéis, incluindo um exemplar completo, de entre os depósitos associados ao seu abandono (terceiro quartel do XVIII). Na continuação destes trabalhos, em 2001, dirigidos por Rodrigo Banha da Silva (Silva e Leite, 2015, p. 49), foram recuperados mais fragmentos desta produção, nomeadamente fragmentos de painéis de tipo 2. No sítio do Mandarin Chinês (2), situado em plena Baixa Pombalina, foram identificados múltiplos vestígios da ocupação pré-terramoto, nomeadamente dois arruamentos e vários vestígios de contextos ocupacionais incluindo uma estrutura industrial. Nos depósitos de amortização destes ambientes foram recuperados, de entre vasta cultura material do XVIII (Amaro, 1994, p. 229-230), também alguns exemplares de cerâmica produzida manualmente.

Intervenções junto ao Palácio do Conde de Penafiel (3), decorridas entre 1992-93 (Silva e De Man, 2012) e cujos resultados ainda não se encontram publicados, resultaram na identificação de vários depósitos relativos aos aterros da antiga residência do Correio Mor do reino, para a construção do edifício pós-terramoto. Entre esses materiais foram também identificados exemplares destas peças brunidas.

Na rua das Pedras Negras (4), outra intervenção dos anos 90 (Silva e Guinote, 1998, p. 285) cujos estudos também não foram ainda publicados, foram identificados fragmentos destas cerâmicas manuais, juntamente com outros acervos datáveis do século XVIII, todos

provenientes dos aterros oitocentistas que formam os depósitos na base do actual nível de circulação.

Fomos também informados da presença de alguns fragmentos desta produção provenientes das intervenções dos anos 80 (Fernandes, 2015, p. 56) na área do Teatro Romano (5), incluindo uma painéis de tipo 2 completa. No entanto, não nos foi possível confirmar esta afirmação, nem verificar de que contextos estes exemplares resultaram.

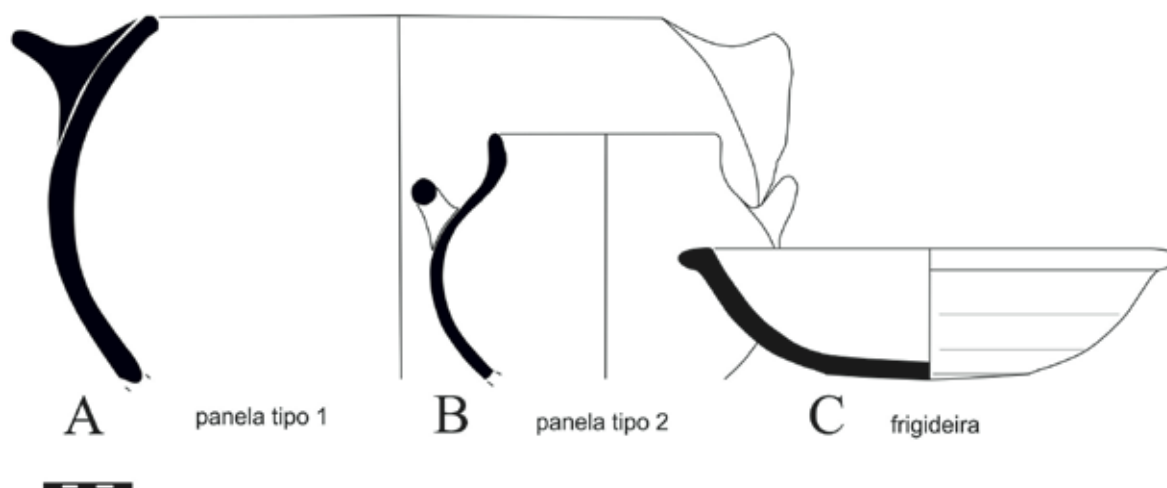
Tomámos ainda conhecimento de um exemplar exumado em depósitos escavados na área de São João da Praça (6) (Pimenta *et al.*, 2005), os quais apresentavam alguma cultura material datável dos finais do século XVII e inícios do século XVIII.

Aponta-se ainda um contexto de descarte na Rua da Saudade (7), um espaço habitacional de construção pombalina com várias reformulações estruturais já da época contemporânea (Prata *et al.*, 2013, p. 1044). O local apresentava evidências ocupacionais datáveis do período pré-terramoto, tendo sido dos níveis de amortização deste espaço que foi recuperada uma painéis completa de tipo 2, a qual foi posteriormente usada por Sara Simões como base do seu estudo (Simões, 2015).

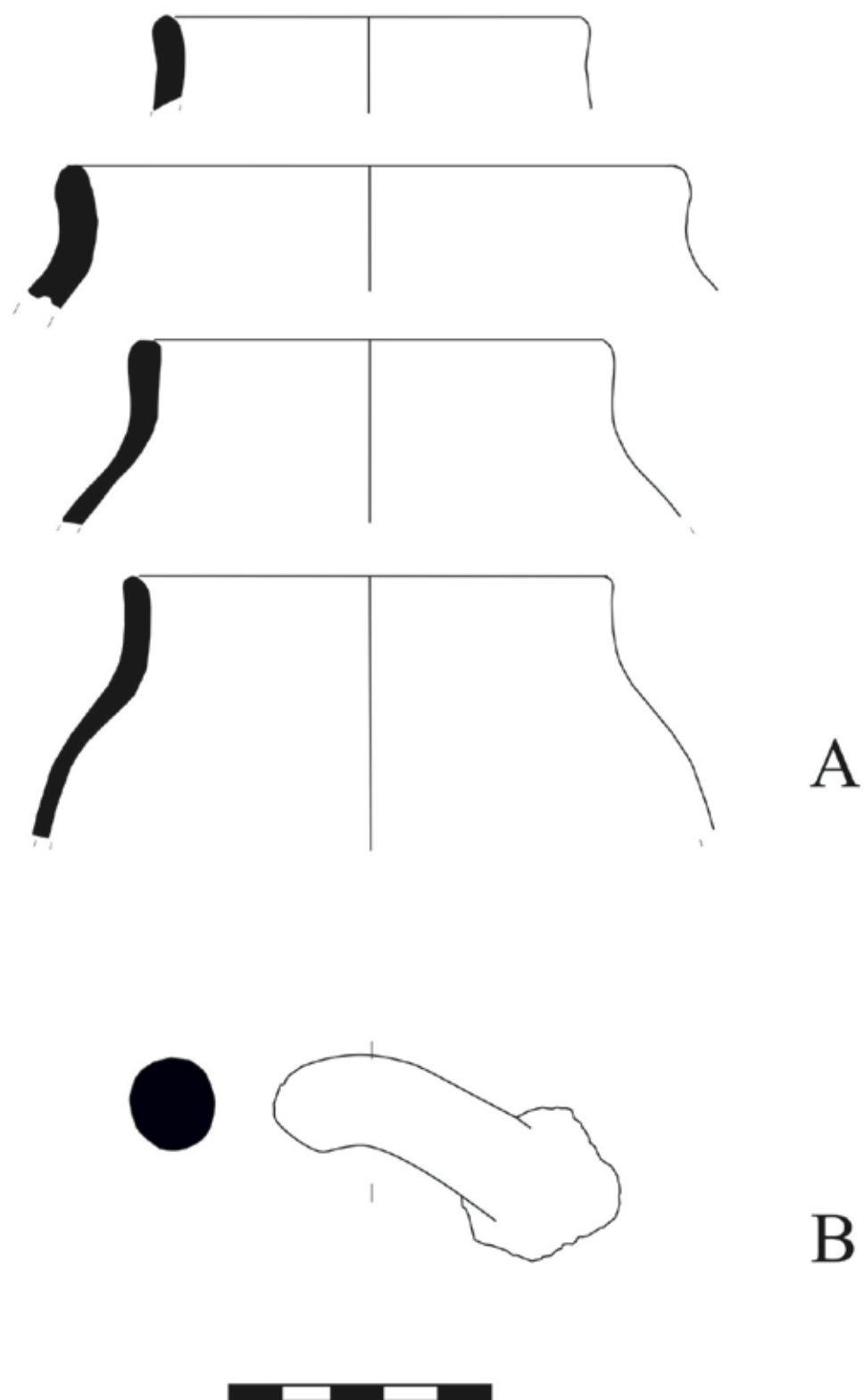
Outro caso examinado é o de um fragmento de asa de painéis de tipo 1, identificado numa das fossas de descarte do Convento do Campo de Santana (8), onde primavam produções oleiras comuns à centúria de oitocentos (Gomes e Gomes, 2007).

Durante trabalhos de acompanhamento, ainda não publicados, decorridos na rua Salvador Correia de Sá (9), na freguesia de Santa Catarina, foram identificados contextos de nivelamento da área com recurso a depósitos de aterro, contendo diversa cultura material datável de finais do século XVII e inícios do século XVIII, entre os quais se encontrava um exemplar de uma asa de rolo de grandes dimensões.

Aquando dos trabalhos de escavação do Mercado da Ribeira (10) foram recuperados, entre os depósitos de aterro datáveis de finais do século XVII e inícios do século XVIII, vários fragmentos desta produção equivalentes a 4 painéis de tipo 2 (Ferreira, 2015, p. 72-74).



3. Tipologias identificadas – Painéis de tipo 1, tipo 2 e frigideiras.



4. Tipologias identificadas – variações formais nas panelas de tipo 2 e asas de rolo de grandes dimensões.

No sítio do Beco das Barreiras em Alfama (11), um contexto habitacional marcado por uma sequência ocupacional de finais do século XVI até aos nossos dias, surgiram exemplares de cerâmicas manuais todos em níveis de amortização dos pisos de meados do XVIII, desactivados aquando do terramoto de 1755. Foi neste local que surgiram os primeiros fragmentos de frigideiras, juntamente com fragmentos de painéis de tipo 2 (Oliveira, 2012, p. 127-130).

Por último, na Rua do Ouro (12), em trabalhos ainda a decorrer que incidem em níveis de aterro associados aos processos de reconstrução pós-terramoto (segunda metade do século XVIII), foram identificados alguns fragmentos de cerâmicas manuais, nomeadamente um exemplar de asa de rolo de grandes dimensões, e um bordo com arranque de asa de uma panela de tipo 2.

Fora da cidade de Lisboa, nomeadamente nos casos apresentados por Cardoso e Barros (2008), os materiais dispersam-se por territórios em torno da capital, como Cadaval, Cascais e Almada. A natureza destes sítios é diversificada, sendo possível observar-se tanto contextos urbanos como rurais.

Quanto aos contextos urbanos, temos o caso das escavações dos Paços do Concelho em Almada, onde estas peças estão inseridas em depósitos datáveis dos finais do século XVII/ inícios do século XVIII (Barros e Cardoso, 2008, p. 350), padrão que se repete na Rua Henriques Nogueira, onde alguns exemplares de painéis foram recuperados de níveis datados pelo autor como do século XVII (Barros e Cardoso, 2008, p. 353).

No Cadaval, mais concretamente em Montejunto (Barros e Cardoso, 2008, p. 352, 356 e 358), estes surgem em depósitos associados à cerca do convento da Nossa Senhora das Neves, podendo-se aqui remeter para um paralelo com a situação observada no Convento de Santana em Lisboa.

Por último, em Cascais, encontram-se ligados a um contexto rural, especificamente um lugar de vinho em Alapraia onde foram identificados alguns fragmentos em depósitos associados aos séculos XVII-XVIII (Barros e Cardoso, 2008, p. 357).

Embora tenhamos identificado vários pontos onde exemplares desta produção foram recuperados, até ao momento da execução deste trabalho estes surgem apenas em contextos de aterro, depósitos de descarte e lixeiras associadas a processos de remodelação urbana ou desactivação de pisos ou estruturas.

Esta circunstância dificulta a associação destas peças a contextos de uso ou consumo específicos, embora se considere plausível que estes fragmentos emanem de pontos próximos do local da sua exumação, tendo em consideração as práticas de manipulação de lixo domésticos da sociedade portuguesa moderna.

É possível, no entanto, afirmar que o período em que esta massa cerâmica esteve em uso terá sido algures entre os meados do século XVII até meados do século XVIII.

Observando o mapa da dispersão destes achados pela malha urbana da cidade de Lisboa (figura 5), a quantidade e alcance destes materiais parece reforçar a ideia de um ou mais pontos de produção na própria cidade ou nas suas imediações, o qual responderia a uma procura bastante específica.



5. Mapa da dispersão desta cultura material pela cidade de Lisboa.

INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

No entanto, consideramos que ainda falta um elemento crucial à sua caracterização: a sua integração num contexto cultural que nos permita definir quem as poderá ter produzido e em que circunstâncias.

Como já foi referido, este trabalho não é o primeiro a incidir sobre esta produção cerâmica, tendo alguns autores (Cardoso e Barros, 2008; Oliveira, 2012; Simões, 2015) já reconhecido a sua exógenia e proposto uma proveniência de cariz africano para os seus modelos e oleiros.

Em todos estes casos, os autores alicerçam a sua argumentação no aspecto e técnica produtiva destes vasos, tão distinta dos típicos acervos cerâmicos portugueses dos séculos XVII-XVIII. Assim, e embora de momento não existam dados concretos que confirmem uma origem africana para estas peças, os modelos e técnicas apresentados reflectem um conjunto de práticas oleiras mais rudimentares, as quais se apresentam similares a produções cerâmicas locais de territórios em Angola e Moçambique (Rodrigues, 2006).

No entanto, a questão mantém-se: como chegariam estas produções à Lisboa dos séculos XVII e XVIII? Sara Simões no seu trabalho levanta uma hipótese, com a qual concordamos, e que acreditamos que poderá responder a esta questão.

O processo de Expansão Portuguesa promoveu a movimentação de alguma população de origem africana, na grande maioria dos casos com o objectivo de servir de mão-de-obra tanto no território de Portugal continental e respectivos territórios ultramarinos, como para alimentar a rede de comércio escravo que crescia um pouco por toda a Europa (Boxer, 2001, p. 41-42).

Em Lisboa, nos finais do século XVI, este influxo demográfico de população africana rondaria os 10 000 indivíduos, o que, entre escravos e libertos, corresponderiam a cerca de 10% dos habitantes da capital



6. Pormenor do painel de azulejos *Grande panorama de Lisboa*, representando o Bairro do Mocambo. MNAz, inv.º 1. Museu do Azulejo, Lisboa.

(Henriques, 2009, p. 44). Contudo, a sua presença não se limitava à capital, registando-se um pouco pelo restante país.

Oriundos de diferentes pontos de África, estes grupos eram compostos por pessoas de diferentes origens e habilitações, que desempenhavam uma miríade de actividades na sociedade portuguesa, desde a indústria ao comércio.

À semelhança de outras comunidades estrangeiras, estes elementos foram também alvo de processos de segregação social, formando bairros próprios dentro da cidade, dos quais o melhor exemplo será o bairro do Mocambo (figura 6), descrito por Bluteau, ao qual foi atribuído um alvará régio em 1594 (Henriques, 2009, p. 47). Aqui se juntavam escravos e libertos (Henriques, 2009, p. 59), e também aqui encontravam o espaço necessário para desenvolver as suas vidas quotidianas (Henriques, 2009, p. 57), as quais incluíam tanto práticas culturais específicas, como também as actividades diárias, tais como o comércio e indústria, da qual se destaca a olaria. De facto, no painel azulejar *Grande panorama de Lisboa* (Museu Nacional do Azulejo), datável de inícios do século XVIII, podemos observar a representação de vários fornos em actividade, talvez ligados a práticas oleiras.

A instalação de populações de diferentes origens neste bairro a partir de finais do século XVII, e o processo de expansão urbanística da cidade no pós-terramoto, levou ao eventual desaparecimento da coesão cultural desta zona, dissipando os seus habitantes de origem africana pela restante malha urbana, onde passam a coabitar com a restante gente da cidade, mantendo a sua ligação às actividades conotadas com a vida ribeirinha, a construção, a indústria e o comércio.

Deste modo, podemos considerar que as cerâmicas objecto deste estudo representem uma manifestação

material da presença destas comunidades de origem africana, que desempenhavam as suas funções por toda a cidade.

Estas peças corresponderiam assim ao produto de práticas industriais desenvolvidas nestes bairros, por indivíduos conhecedores de práticas e técnicas tradicionais, e que reproduzindo um repertório formal limitado mas prático responderiam às necessidades mais básicas desta população: a necessidade de recipientes para a confecção de alimentos. Perante esta lógica, compreende-se a redução destas peças a formas de cozinha, e sobretudo as grandes dimensões das painéis de tipo 1, possivelmente destinadas a um uso comunitário.

A própria dispersão destes achados poderá auxiliar esta hipótese. Alguns dos fragmentos identificados surgiram no interior da cerca de conventos, como Santana, em Lisboa, e Montejunto, no Cadaval. Estas estruturas conventuais apresentavam grande necessidade de mão-de-obra para a manutenção dos espaços e dos terrenos associados, recorrendo como tal a escravos ou trabalho barato na forma de africanos libertos. Assim, a presença de painéis de grandes dimensões (tipo 1) fará sentido, numa lógica de alimentação de grandes números de indivíduos. A mesma circunstância parece estar representada em Alapraia, Cascais, onde um casal agrícola poderia fazer uso de mão-de-obra escrava nas suas actividades quotidianas.

No que concerne à restante malha urbana lisboeta, é possível observar que a dispersão destes materiais parece focar-se na frente ribeirinha dos bairros Orientais (Alfama) e Ocidentais, ou seja, em áreas associadas aos elementos mais empobrecidos da sociedade lisboeta do período Moderno, e zonas onde se desenvolviam várias actividades industriais (como a forja do Mandarim Chinês) ou associadas ao mar, como a pesca

e outras actividades fluvio-marítimas e onde certamente estariam envolvidos indivíduos provenientes de bairros como o Mocambo.

De facto, foi-nos possível identificar um processo similar, no Novo Mundo e Caraíbas, onde surgem cerâmicas definidas na historiografia anglo-saxónica como *colonoware* (figura 7). Estas produções, morfológicamente muito similares com o objecto deste estudo, seriam feitas pelas comunidades africanas de escravos, libertos e por vezes até nativos americanos aculturados, com o objectivo de suprir as suas próprias necessidades ou como elemento de troca entre si (Ferguson, 1992, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objectivo do presente trabalho foi propor uma hipótese de trabalho para o prosseguir da investigação sobre o tema destas cerâmicas manuais, através da análise das informações até agora obtidas e da apresentação de novos dados sobre estas peças e sua dispersão na malha urbana de Lisboa.

Embora tenham sido feitos importantes contributos para a compreensão desta produção, ainda existem questões de relevo que necessitam de ser respondidas. A natureza africana destas produções ou dos modelos reproduzidos, facto aceite pelos vários investigadores que se debruçaram sobre o tema, ainda se baseia em estudos comparativos da sua natureza técnica e tipológica. Acreditamos que uma abordagem mais detalhada e alicerçada em análises arqueométricas nos poderá ajudar a confirmar estas afirmações e auxiliar na definição de locais de produção e talvez até discernir padrões de troca ou de comércio destas peças.

Do mesmo modo, este trabalho resultou de um inquérito parcial, conduzido sobre uma amostragem reduzida de toda a cultura material exumada na cidade de Lisboa. Como tal, consideramos que um inquérito mais alargado e sistemático associado a um maior reconhecimento destes fragmentos no decorrer de intervenções em contextos dos séculos XVII e XVIII certamente contribuirá com novos dados e permitirá traçar um quadro generalizado da dispersão destes produtos não só na cidade de Lisboa, como também nos seus arredores.

Por último, procurámos responder a uma questão que nos marcou desde o início, nomeadamente a área de produção destas peças. Aceitando-as como produto da actividade de população de origem africana, es-



7. Exemplares de *colonoware* de contextos nas Caraíbas.
© Joseph, 2005

cravos ou libertos, consideramos que a sua execução, segundo técnicas tão particulares, deverá ter ocorrido num contexto específico, onde a sua cultura é fortemente representada através das suas actividades diárias. Assim apontamos os bairros e arrabaldes onde estas pessoas se juntavam como o ponto mais provável para a presença destas olarias tradicionais, talvez quase familiares.

Esta premissa carece no entanto de confirmação a qual, acreditamos, só poderá ser obtida via intervenções arqueológicas nas áreas conhecidas por albergarem estas comunidades, das quais o exemplo histórico mais significativo será o próprio bairro do Mocambo, na esperança de se identificarem vestígios de produção oleira, como fornos ou fossas de descarte de vestígios de produção.

Seguindo ainda a lógica já defendida por Sara Simões, consideramos que estes recipientes poderão funcionar como bons indicadores da presença de comunidades africanas, oferecendo assim aos investigadores uma ferramenta para a caracterização de certos contextos habitacionais, através da identificação de elementos ou padrões que de outro modo seriam invisíveis.

Concluindo, esperamos que este artigo tenha contribuído para a caracterização desta curiosa produção cerâmica, oferecendo a outros que pretendam desenvolver este tema um conjunto de informações e elementos básicos ao seu estudo, ou simplesmente facilitando a sua identificação e caracterização àqueles que contactam com elas em contextos de escavação.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C.; BUGALHÃO, J.; RAMALHO, M. (1994) – A Baixa pombalina: alguns aspectos urbanísticos. In *Actas das V Jornadas arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 227-237.
- BARROS, L.; CARDOSO, G. (2008) – Cerâmicas manuais dos séculos XVI a XVIII de Almada, Cadaval e Cascais. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11: 2, p. 347-360.

- BOXER, C., (2001) – *O Império Marítimo Português – 1415-1825*. Lisboa: Edições 70.

- CARDOSO, G. (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1.º Encontro de Cultura e Património do Cadaval – Conhecimento e valorização cultural no concelho do Cadaval, 19 de Maio de 2007*. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval, p. 43-82.

- FERGUSON, L. (1992) – *Uncommon Ground: Archaeology and Early African America, 1650-1800*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- FERNANDES, L. (2015) – Habitar em Lisboa nos séculos XV e XVI: modos de vida e de construir. In TEIXEIRA, A.; VILLADA, F.; SILVA, R., coords., *Lisboa 1415 Ceuta - historia de dos ciudades / história de duas cidades*. Ceuta / Lisboa: Ciudad Autónoma de Ceuta / Câmara Municipal de Lisboa, p. 54-56.
- FERREIRA, S. (2015) – *O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).
- GOMES, R.; GOMES, M. (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo: Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»*, IIª Série, n.º 27, p. 75-92.
- HENRIQUES, I. (2009) – *A Herança Africana em Portugal – séculos XV-XX*. Lisboa: CTT – Correios de Portugal.
- IVOR, N. (1962) – An Indian Ware of the Colonial Period. *Quarterly Journal of the Archaeological Society of Virginia*, 17: 1, p. 2-14.
- JOSEPH, J. (2005) – *African-American Archaeology and Colonowares from the Charleston Judicial Center Site*. [<http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1162&context=adan>. Data da consulta: 27/01/2016]
- MOITA, I. (1964-1966) – Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960). *Revista Municipal*, n.º 104-105, p.101-111.
- OLIVEIRA, F. (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).
- OLIVEIRA, F.; VIEIRA, V. (2013) – A evolução de um contexto habitacional moderno. In ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C., coords., *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1041-1045.
- PRATA, S.; DIAS, D.; CUESTA-GÓMEZ, F. (2013) – A memória de um espaço urbano - trabalhos deacompanhamento arqueológico na reabilitação do n.º 2 da Rua da Saudade (freguesia de Santiago, Lisboa). In ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C., coords., *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1041-1045.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua São João da Praça. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8: 2, p. 313-334.
- RODRIGUES, M. (2006) – A primeira cerâmica “tradicional recente” proveniente de Tete (Província de Tete, Moçambique). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 1, p. 197-223.
- SILVA, R.; GUINOTE, P. (1998) – *O quotidiano da Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro Arqueológico e Documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- SILVA, R.; DE MAN, A. (2012) – Palácio dos Condes de Penafiel: a significant Late-Antique context from Lisbon. In GONÇALVES, M.; GÓMEZ, S., coords., *Actas do X Congresso Internacional "A cerâmica Medieval no Mediterrâneo"*. Silves: Câmara Municipal de Sives / Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.
- SILVA, R.; LEITE, A. (2015) – O Hospital Real de Todos-os-Santos. In TEIXEIRA, A.; VILLADA, F.; SILVA, R., coords., *Lisboa 1415 Ceuta - historia de dos ciudades / história de duas cidades*. Ceuta / Lisboa: Ciudad Autónoma de Ceuta / Câmara Municipal de Lisboa, p. 49-53.
- SIMÕES, S. (2015) – Uma panela na Rua da Saudade, Lisboa – legado de populações escravas em Portugal? / A pot at Rua da Saudade, Lisbon – legacy of slave populations in Portugal? In SAEZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO, C.; GONZÁLEZ, L.; HERNÁNDEZ I.; HERNANDO, C., coords., *Revista Arkeogazte – Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, p. 151-160.